

DA FALHA AMBIENTAL AO COMPORTAMENTO ANTISSOCIAL: UM ESTUDO COM ADOLESCENTES INSTITUCIONALIZADOS

FROM ENVIRONMENTAL FAILURE TO ANTISOCIAL BEHAVIOR: A STUDY WITH
INSTITUTIONALIZED ADOLESCENTS

Fabiola Bini Belin ¹

Debora Rickli Fiuza ²

RESUMO: Com base no aporte teórico deixado pelo pediatra e psicanalista Donald Wood Winnicott a respeito de crianças e adolescentes autores de comportamentos delinquentes e antissociais, esta pesquisa visou compreender qual é a origem destas condutas, através de um estudo bibliográfico e de uma pesquisa de campo, em que se realizou entrevistas semiestruturadas com adolescentes, em uma instituição de acolhimento da cidade de Guarapuava/PR. A tendência antissocial está associada com dificuldades pertencentes ao desenvolvimento emocional, porém, não se trata de um diagnóstico, pois pode apresentar-se em qualquer indivíduo, em qualquer faixa etária. O adolescente que comete um ato antissocial como o roubo por exemplo, não quer aquilo que roubou, mas busca conquistar algo que lhe fora perdido, de modo que faça com que o ambiente reconheça suas falhas para com ele. A tendência antissocial constitui, portanto, uma ligação direta com a privação, ou seja, quando o indivíduo é destituído de alguma situação primordial em seu contexto familiar (Winnicott, 2021 [1958]). Deste modo, esta pesquisa buscou compreender com mais detalhes, como as falhas ambientais estão relacionadas com o comportamento antissocial na adolescência. Esse estudo aborda um trabalho de conclusão de curso para a graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Campo Real, do município de Guarapuava/PR.

Palavras-Chave: tendência antissocial; adolescência; psicanálise winnicottiana.

ABSTRACT: Based on the theoretical contribution left by the pediatrician and psychoanalyst Donald Wood Winnicott regarding children and adolescents who are authors of delinquent and antisocial behavior, this research aimed to understand what is the origin of these behaviors, through a bibliographic study and a field research, in which semi-structured interviews were conducted with adolescents in a host institution in the city of Guarapuava/PR. The antisocial tendency is associated with difficulties pertaining to emotional development; however, it is not a diagnosis, for it can present itself in any individual, at any age. The adolescent who commits an antisocial act such as stealing, for example, does not want what he has stolen, but seeks to conquer something that was lost, so that the environment recognizes his failures. The antisocial tendency is, therefore, a direct link to deprivation, that is, when the individual is

¹ Acadêmica de psicologia do Centro Universitário Campo Real.

² Docente de psicologia do Centro Universitário Campo Real. Mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO).

deprived of some primordial situation in his family context (Winnicott, 2021 [1958]). Thus, this research sought to understand in more detail, how environmental failures are related to antisocial behavior in adolescence. This study is an end-of-course work for the graduation in Psychology by the Centro Universitário Campo Real, in the city of Guarapuava/PR.

Keywords: antisocial tendency; adolescence; winnicottian psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

A partir do questionamento quanto as origens da tendência antissocial na adolescência e sua relação com as falhas ambientais descritas pelo pediatra e psicanalista Donald Wood Winnicott (1896-1971), este trabalho buscou compreender o vínculo entre teoria e realidade, em que se realizou uma pesquisa de campo exploratória com adolescentes institucionalizados na cidade de Guarapuava/PR.

Sabe-se que o desenvolvimento emocional do indivíduo ocorre desde o princípio, em que até a experiência do nascimento pode ser relevante, bem como as primeiras horas e dias de vida. Considerando que nesses períodos iniciais o bebê depende inteiramente de um adulto cuidador, destaca-se que os estudos do desenvolvimento, da personalidade e do caráter de um indivíduo, devem ser avaliados conforme o cuidado que lhe é fornecido (WINNICOTT, 2011 [1958]).

No universo psicológico, assim como no crescimento do corpo, há uma tendência inata ao desenvolvimento. Porém, para que o desenvolvimento emocional possa ocorrer de forma saudável, há uma necessidade: a existência de um ambiente suficiente que proporcione a criança condições para tal (WINNICOTT, 2011 [1958]). Com isso, ao abordar o tema do comportamento antissocial na adolescência, conforme a teoria de Winnicott, compreende-se ser necessário também estudar o ambiente em que o adolescente vive.

Notoriamente na sociedade, comportamentos antissociais como a destrutividade, a mentira e o roubo, causam incômodo e respostas morais a tais condutas, principalmente com críticas, punições e intitulações aos adolescentes como “desajustados”. Entretanto, na maioria das vezes, condenações e punições não geram efeitos positivos, tendo em vista que o comportamento é julgado de forma isolada. (WINNICOTT, 2021 [1958]).

Durante a segunda guerra mundial, Winnicott foi nomeado como psiquiatra consultor do Plano de Evacuação Governamental de crianças. Essa experiência permitiu que ele observasse de perto os efeitos da desintegração familiar maciça, que gerou reações de comportamentos atípicos e delinquentes. Com o passar do tempo, Winnicott conseguiu identificar as pulsões que estão ocultas no comportamento antissocial e alcançar a inocência encoberta nas defesas e na delinquência infantil. Observou-se também que, “na medida em que as crises eram enfrentadas, que se conseguia passar por elas ao invés de reagir a elas, era possível aliviar a tensão e renovar a confiança e a esperança”, como coloca Clare Winnicott (WINNICOTT, 2015 [1984], p. 5). Destaca-se que, apesar de Winnicott focar os seus estudos com crianças, a mesma teoria se aplica também para a adolescência.

Desse modo, compreendendo que a tendência antissocial não é apenas um comportamento incomodativo, mas sim, um pedido de socorro daquele que comete os atos, devido as causas por trás deles. E, tendo em vista a alta manifestação destes comportamentos na adolescência, seja nos lares, nas escolas, ou em qualquer outra instituição social, acreditou-se ser de extrema relevância um estudo mais aprofundado sobre a etiologia deste comportamento, para que seja possível com isso, refletir sobre possibilidades de intervenções de tais condutas.

Para a conclusão deste trabalho foi realizado uma pesquisa de campo exploratória, em que foi efetuado entrevistas semiestruturadas com 4 adolescentes entre 12 e 17 anos, os quais residem em uma instituição de acolhimento no município de Guarapuava/PR. As questões abordadas aos adolescentes tiveram como objetivo compreender o histórico de vida de cada um. Além disso, foi realizado entrevista com o psicólogo da instituição para identificar o motivo do acolhimento de cada adolescente e seus respectivos comportamentos.

A partir da literatura, consta-se que crianças e adolescentes que vivem em acolhimento institucional tiveram de alguma forma seus direitos violados. Apesar das dificuldades enfrentadas no percurso das políticas públicas de atendimento a este público, com a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA-1990), a formação e o desenvolvimento de crianças e adolescente torna-se prioridade familiar e o acolhimento institucional só ocorre em casos excepcionais em que houve alguma violação deste ambiente.

Por fim, este trabalho está organizado conforme o objetivo geral, que é: compreender qual é a origem da tendência antissocial na adolescência com base na

teoria winnicottiana e conforme os objetivos específicos que são: identificar através da teoria de Winnicott como as falhas do ambiente podem influenciar o desenvolvimento de tendências antissociais na adolescência, bem como, discutir possibilidades de intervenção no trabalho com adolescentes que apresentam comportamentos antissociais.

2 O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL

A institucionalização tanto de crianças como de adolescentes no Brasil faz parte do percurso histórico das políticas de atendimentos da infância e da adolescência, as quais inicialmente por volta da década de 1980, eram omissas a proteção social desses indivíduos e marcadas pelo paternalismo, pelo trabalho infantil, pela exploração, pela desigualdade, pelo assistencialismo e pelas ideologias de higienismo social (SANTOS, 2011).

Com essas premissas, os acolhimentos institucionais de crianças e adolescentes nesta época, eram espaços que abrigavam crianças abandonadas pelos pais e usados para internar filhos de famílias em condições de pobreza, como também, um mecanismo de controle e de ordem social. Os indivíduos acolhidos nestas instituições viviam em condições precárias, sem luz, higiene e sem alimentação adequada (SANTOS, 2011).

É somente a partir da Constituição de 1988 que os movimentos sociais em prol dos direitos da criança e do adolescente se destacam politicamente, pois, até então não havia uma responsabilidade estatal que considerasse a proteção desses indivíduos com base nos direitos. Um movimento de destaque, que antecipou a constituição do Estatuto da Criança e do Adolescente foi o MNMMR- Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, o qual contribuiu de forma significativa para a discussão das políticas de atendimento a criança e ao adolescente, no âmbito nacional (SANTOS, 2011).

Com base nas lutas e nos movimentos sociais pela garantia dos direitos da população infanto-juvenil é promulgado em 1990 o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o qual traz um novo olhar administrativo, político e jurídico para o atendimento deste público no Brasil. A nova perspectiva trazida pelo ECA tem como base a garantia dos direitos, o qual visa a proteção integral de crianças e

adolescentes, através de um trabalho conjunto entre Estado, família e sociedade, com objetivo de fortalecer os vínculos já existentes e romper com as práticas assistencialistas (SANTOS, 2011).

A partir disso muda-se também a perspectiva em relação ao acolhimento institucional, diferente do passado em que crianças e adolescentes eram retirados de suas famílias por motivos de pobreza, ou somente por controle e ordem social, com o artigo 19 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) é previsto que:

É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral (BRASIL, 1990).

Com isso, torna-se lei o direito de crianças e adolescentes viverem no âmbito familiar e apenas em condições excepcionais, isto é, em que a vida desses indivíduos esteja em risco e, portanto, com seus direitos violados, é que poderá ser aplicado o acolhimento (BRASIL, 1990).

Nesses casos, o que se observa por exemplo são comportamentos de negligência, violência, exploração, maus tratos, como também situações de dependência química. Quando isso ocorre, a rede de proteção da infância e da adolescência é acionada e com intuito de assegurar os direitos desta população pode haver o acolhimento institucional. Contudo, cabe as políticas públicas prover amparo a essas famílias, com intuito de realizar a reintegração familiar das crianças e adolescentes, quando possível (SANTOS, 2011).

Para aqueles que estiverem em programa de acolhimento deve haver uma avaliação regular pelas autoridades judiciárias, no máximo a cada três meses, com intuito de realizar a reintegração familiar ou colocação em família substituta, que envolve a guarda, tutela ou adoção (BRASIL, 1990).

Historicamente, a família construiu um papel social importante, por ser a primeira instituição que um indivíduo vive, é considerada um espaço significativo de reproduções sociais. Com a constituição do ECA a família é tida como prioridade na formação de crianças e adolescentes, no entanto, nem sempre é suficiente para protegê-los (SANTOS, 2011).

3 A TEORIA DO AMADURECIMENTO PESSOAL E O AMBIENTE FACILITADOR

Donald Wood Winnicott (1896-1971), foi um médico pediatra e psicanalista que trabalhou com bebês e suas mães, crianças, adolescentes e adultos. Através das suas descobertas teóricas e práticas proporcionou efetividade no trabalho psicoterápico ³, nas experiências tidas tanto em casos mais conhecidos como as neuroses e em casos mais difíceis, os quais incluem as psicoses, as depressões, os transtornos de espectro autista, bem como sintomas envolvendo a psicossomática e o comportamento antissocial (FULGENCIO, 2016).

De modo geral, Winnicott busca disponibilizar um entendimento e uma direção para o tratamento de todas estas patologias, além de construir uma visão de homem baseada em uma teoria da saúde de forma positiva e não fundamentada na repressão e nas restrições humanas, que consiste no processo de expansão do homem com o outro, com intuito de fazer da psicanálise uma ciência objetiva (FULGENCIO, 2016).

A partir disso e de suas experiências clínicas, Winnicott desenvolve a teoria do amadurecimento pessoal, a qual tem como base a concepção de que todo indivíduo possui uma tendência inata ao amadurecer. Esta teoria reincide aos primeiros estágios da vida, tendo em vista que é neste período que as bases da personalidade estão em processo de constituição (DIAS, 2017).

Esta teoria tem como intuito estabelecer um guia prático para o entendimento dos fenômenos da saúde, bem como para identificar precocemente algumas dificuldades emocionais do sujeito, podendo ser utilizada com bebês, crianças, adolescentes e adultos, sendo útil para profissionais como psicanalistas, psicoterapeutas, como também para pais (DIAS, 2017). Conforme Winnicott, para que seja possível ocorrer o processo de amadurecimento, é necessário a existência de dois fatores, primeiro, a tendência inata ao amadurecer e segundo, a existência contínua de um ambiente facilitador que proporcione cuidados suficientemente bons, que sustente e favoreça o amadurecimento (DIAS, 2017).

As tendências herdadas que o bebê possui, como a tendência à integração da personalidade, a totalidade desta em corpo e mente e as relações de objetos, o que inclui o relacionamento interpessoal, é o que impulsionará o seu crescimento, o qual apenas se cumprirá se houver a presença de um ambiente favorável a ele, especialmente no início, haja vista que o bebê exige uma dependência absoluta (WINNICOTT, 2021 [1986]). Neste sentido, o ambiente facilitador requer uma

³ A clínica winnicottiana trouxe como base para o tratamento a consideração dos “efeitos que uma relação humana pode produzir noutro ser humano” (FULGENCIO, 2016, p. 1).

qualidade humana e não mecânica, pois exige que o cuidador atenda às necessidades que a criança manifesta. Porém, se o ambiente não for suficiente o curso da vida é interrompido e as tendências por si só não levarão a criança à realização pessoal (WINNICOTT, 2021 [1986]).

Considerando que o cuidado materno aqui é análogo ao ambiente, Winnicott cria o conceito de *mãe suficientemente boa*, que segundo ele significa a capacidade das mães de se dedicarem com a identificação que sentem pelo bebê, no sentido de buscarem se adaptar as necessidades do filho. Nessa perspectiva, o autor evidencia em termos de desenvolvimento que a mãe estabelece a base da saúde mental do bebê (WINNICOTT, 2021 [1986]).

Nesse caso, o ambiente facilitador no início é representado pela mãe, e ela é suficiente porque reconhece e atende a dependência do filho. Desse modo, não é a mãe em si, mas os seus cuidados que facilitaram o processo de desenvolvimento do bebê, tendo em vista que aquilo que o bebê necessita é a preocupação e o cuidado efetivo desta mãe (DIAS, 2017).

A adaptação absoluta da mãe às necessidades do bebê é temporária, mas, enquanto dura, implica um envolvimento total. Um bebê necessita nada menos que de uma pessoa total, ou seja, inteiramente entregue ou devotada a ele, nem que seja por um pequeno período de tempo, a cada dia. Isto, em geral, é possível, porque, quando é saudável, a mãe entra num estado de “preocupação materna primária”, que se inicia nos últimos meses da gravidez e que assim se mantém por algum tempo após o parto. Trata-se de uma condição psicológica muito especial, de sensibilidade aumentada (DIAS, 2017, p. 115).

A adaptação da mãe ao bebê citada por Winnicott, não está relacionada a um aspecto intelectual, mas sim, a experiência de já ter sido um bebê e recebido cuidado um dia e, devido sua capacidade imaginativa (DIAS, 2017).

É o envolvimento e o cuidado manifestado pela mãe ao filho que gradativamente possibilitará ao bebê a oportunidade de ser. Na medida em que o cuidado e o amparo materno se repetem, a capacidade do bebê de sentir-se real se estabelece. De acordo com Winnicott, “com essa capacidade, o bebê consegue encarar o mundo, ou (melhor dizendo) pode prosseguir com o processo de amadurecimento herdado” (2020 [1987], p. 22).

Quando essas condições são estabelecidas, há o desenvolvimento de confiabilidade do bebê em relação ao ambiente. Os atos de confiabilidade são estabelecidos antes que o discurso verbal tenha significado e se manifesta de diversas formas como no modo como a mãe segura o bebê, em sua postura ao ninar a criança

e através do tom e do som de sua voz, como um meio de comunicação, antes da compreensão da fala (WINNICOTT, 2021 [1986]).

Com o passar do tempo, quando o ambiente facilitador exerce seu papel de modo suficientemente bom, “as tendências hereditárias de crescimento do bebê alcançam suas primeiras conquistas”, as quais estabelecem a “integração” do bebê, isto é, o processo que o torna uma unidade. Apesar do bebê ainda depender do ambiente, é o apoio egóico da mãe que facilitará a organização do ego do bebê, e com o passar do tempo ele começará a firmar a própria individualidade e identidade (WINNICOTT, 2020 [1987], p. 25).

Diante disso, observa-se que Winnicott demonstra o seu interesse no desenvolvimento humano dentro do contexto familiar e social. Apesar de Winnicott dar ênfase na relação entre mãe e bebê, ele não descarta a importância do papel paterno, o qual segundo ele é essencial para ajudar a mãe e a dar apoio moral a ela (WINNICOTT, 2020 [1987]).

Com isso, ele argumenta sobre a necessidade e a importância de lembrarmos da criança individual, do seu processo de desenvolvimento, de seu sofrimento, das necessidades que apresenta e como faz uso delas. Paralelamente a isso, sugere lembrarmos da família e todos os outros grupos que constituem a sociedade, os quais estão ligados a criança (WINNICOTT, 2021 [1986]).

4 NATUREZA E ORIGEM DA TENDÊNCIA ANTISSOCIAL

4.1 O TRABALHO DE WINNICOTT COM CRIANÇAS DELINQUENTES

Durante a trajetória clínica e teórica de Winnicott, um dos problemas que estudou e enfrentou foi o da privação e delinquência, tendo sua primeira experiência com o fenômeno durante a segunda guerra mundial, em que foi nomeado como psiquiatra consultor do plano de evacuação governamental de crianças (WINNICOTT, 2015 [1984]).

A experiência de trabalho durante a evacuação provocou em Winnicott impactos profundos, pois teve que lidar com os sintomas produzidos pela desintegração maciça familiar, separações, perdas, destruições e mortes. Foi observado como consequência destes eventos a manifestação de comportamentos estranhos e delinquentes nas crianças, as quais não tinham mais para onde ir. Eram

atendidas por uma equipe local, que se preocupou com o seu mantimento, pois manifestavam problemas de cuidado e manutenção (WINNICOTT, 2015 [1984]).

O trabalho com crianças *deprivadas* possibilitou a Winnicott uma nova dimensão ao seu pensamento e sua prática, influenciando seus conceitos básicos acerca do crescimento e desenvolvimento emocional (WINNICOTT, 2015 [1984]).

Ele notou durante este período as pulsões contidas por trás das condutas antissociais e seu pensamento foi influenciado pelo que acontecia nos lares onde as crianças ficavam, além de como elas eram tratadas pela equipe. Após muita observação, atenção e análise dos casos, chegou à conclusão de que por trás das defesas e das condutas delinquentes havia inocência. Concluiu também que:

À medida em que as crises eram enfrentadas, que se conseguia passar por elas ao invés de reagir a elas, era possível aliviar a tensão e renovar a confiança e esperança (WINNICOTT, 2015 [1984], p. 4).

Aquilo que era observado acerca dos efeitos das separações e das perdas sobre as crianças, era comunicado pela equipe local à comissão do plano, aos administradores, pais e órgãos públicos, o que possibilitou a assistência necessária às crianças. A partir disso tudo, foi produzido materiais que tratam, portanto, sobre os efeitos da destituição, as origens da tendência antissocial e aos tipos de serviços necessários para o tratamento da delinquência, tanto no âmbito social como clínico e individual (WINNICOTT, 2015 [1984]).

Destaca-se que estes estudos não estão associados a história, mas sim:

Ao encontro onipresente entre os elementos anti-sociais na sociedade e as forças da saúde e da sanidade que se organizam para corrigir e recuperar o que se perdeu. A complexidade deste encontro é inestimável (WINNICOTT, 2015 [1984], p. 5).

Neste caso, a interação entre aqueles que prestam serviço neste contexto e aqueles que recebem o cuidado, é o foco para a terapia neste campo de atuação. O que se evidencia na prática é manter um ambiente suficiente humano e forte que dê conta de atender sujeitos destituídos e delinquentes, os quais “necessitam desesperadamente de cuidado e pertencimento, mas fazem o possível para destruí-los quando encontram” (WINNICOTT, 2015 [1984], p. 5).

4.2 A NATUREZA DA TENDÊNCIA ANTISSOCIAL

Para Winnicott, a tendência antissocial pode ser encontrada em qualquer indivíduo, em todas as idades, podendo manifestar-se em casa ou em outro contexto mais amplo. Deste modo, não deve ser considerada como um diagnóstico. A origem desta tendência apresenta uma ligação direta ao conceito citado por ele de *deprivação*, que é quando o indivíduo perde algo fundamental em sua vida familiar, que desempenhava um papel positivo (WINNICOTT, 2021 [1958]).

Para a criança ou o indivíduo que apresenta a tendência antissocial, “pode-se dizer que as coisas iam bem o suficiente, até que um dia deixaram de ir bem o suficiente. Ocorre uma modificação que altera sua vida inteira” (WINNICOTT, 2021 [1986], p. 107).

A modificação ambiental causada pela privação ocorre quando o indivíduo já tem consciência para compreender o que se passa ao seu redor, na psicoterapia por exemplo, a criança é capaz de lembrar de características específicas da privação por meio da brincadeira, da fala e dos sonhos (WINNICOTT, 2021 [1986]).

A partir disso, Winnicott descreve a diferença dos conceitos de privação e de privação, em que o primeiro diz respeito às perturbações ambientais que o indivíduo sofre nos estágios mais primitivos do desenvolvimento emocional, que estão relacionados a falta de sustentação do ambiente, a qual impossibilita a continuação do ser e provoca distorções na personalidade, resultando em psicoses e doenças psiquiátricas (2021 [1986]).

Por outro lado, a privação compreende uma experiência ambiental que o indivíduo tinha, porém, foi perdida, criando a percepção de que foi roubado ou agredido pela falha do ambiente. Esta, portando, está ligada a tendência antissocial, caracterizada como um impulso inconsciente que leva o sujeito a retornar à condição do momento que foi privado, com o intuito de desfazer os sentimentos e emoções que experimentou, como uma manifestação de esperança (WINNICOTT, 2021 [1986]).

Nesta perspectiva, o autor aponta um aspecto que as pessoas que cuidam de crianças ou de adolescentes antissociais devem saber, para conseguir ver sentido naquilo que acontece. Sempre que as condições ambientais promovem algum nível de esperança, a tendência antissocial torna-se uma característica clínica, em que o sujeito passa a manifestar um comportamento difícil de lidar (WINNICOTT, 2021 [1986]).

É compreensível o fato de que comportamentos antissociais provocam na sociedade desconforto, é óbvio que ninguém gosta de ser roubado por exemplo. Mas, Winnicott salienta que é fundamental a compreensão de que o ato antissocial é uma expressão de esperança, para que não seja desperdiçado ou tratado com intolerância, considerando que a compreensão das causas do comportamento, auxiliará no direcionamento do tratamento (2021 [1958]).

Ao abordar sobre os aspectos da delinquência infantil, Winnicott (2015 [1984]) ressalta que independentemente do grau de saúde e do comportamento de uma criança, todas elas apresentam algo em comum. Verifica-se que, naturalmente na vida familiar ocorre problemas, inclusive com aqueles filhos considerados sadios e normais, que não apenas comem, crescem e sorriem, mas, conforme o autor:

Uma criança normal, se tem a confiança do pai e da mãe, usa de todos os meios possíveis para se impor. Com o passar do tempo, põe à prova o seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, manobrar, consumir e apropriar-se (WINNICOTT, 2015 [1984], p. 60).

Nesse sentido, Winnicott destaca que esses comportamentos são comuns, mas, que depende do lar suportar tudo que a criança fizer para desorganizá-lo. Os testes que a criança faz ocorre principalmente quando ela apresenta dúvidas quanto a estabilidade do ambiente familiar. E, é quando a família consegue suportar o comportamento da criança, que ela se recupera. Entretanto, Winnicott (2015 [1984]) aponta que são esses mesmos comportamentos que levam pessoas mais velhas, a tribunais ou a hospitais psiquiátricos.

Nessa perspectiva, ao tratar sobre o desenvolvimento emocional de crianças, Winnicott saliente que:

O fato é que os estágios iniciais do desenvolvimento emocional estão repletos de conflito e desintegração potenciais. A relação com a realidade externa ainda não está firmemente enraizada; a personalidade ainda não está bem integrada; o amor primitivo tem um propósito destrutivo e a criança pequena ainda não aprendeu a enfrentar os instintos. Pode chegar a fazer essas coisas e mais, se o seu ambiente for estável e pessoal. No começo, ela tem necessidade absoluta de viver num círculo de amor e força (com a conseqüente tolerância), para não sentir um medo excessivo de seus próprios pensamentos e dos produtos de sua imaginação, a fim de progredir em seu desenvolvimento emocional. Ora, o que acontece se o lar faltar à criança antes de ela ter adquirido uma idéia de um quadro de referência como parte de sua própria natureza? A idéia corrente é que, vendo-se "livre", a criança passa a fazer, tudo o que lhe dá prazer. Isso está muito longe da verdade. Ao constatar que o quadro de referência de sua vida se desfez, ela deixa de se sentir livre. Torna-se angustiada e, se tem alguma esperança, trata de procurar um outro quadro de referência fora do lar. A criança cujo lar não lhe ofereceu um sentimento de segurança busca fora de casa as quatro paredes [...] Procura uma estabilidade, fornecida em tempo oportuno essa estabilidade poderá ter crescido na criança como os ossos em seu corpo [...] (2015 [1984], p. 60).

Aqui, o que se observa é que Winnicott está abordando aspectos da tendência antissocial. Ao afirmar que um quadro de referência se desfez, afirma-se também que há uma privação. Com isso, o que gera é angústia e a busca por algo que venha sustentar aquilo que foi perdido.

Nesses momentos, surge então a esperança, em que a criança:

Percebe um novo contexto que apresenta certos aspectos confiáveis; Experimenta um impulso que poderia ser chamado de "busca do objeto"; Reconhece o fato de que a ausência de compaixão está à beira de transformar-se em uma característica e então agita o ambiente à sua volta na intenção de torná-lo alerta para o perigo e fazê-lo organizar-se para tolerar o incômodo; Se a situação se sustentar, o ambiente terá de ser testado e retestado quanto à sua capacidade de suportar a agressividade, de prevenir ou reparar a destruição, de tolerar o incômodo, de reconhecer o elemento positivo na tendência antissocial, e de prover e preservar o objeto que deve ser buscado e encontrado (WINNICOTT, 2021 [1958], p. 514).

Nesse ponto, torna-se evidente que o momento de esperança é algo complexo, pois envolve um comportamento que é inesperado pelo ambiente, mas que para a criança, ou mesmo para o adolescente é um meio de reconquistar o objeto perdido, agitando e testando o ambiente em que se encontra.

A partir disso, Winnicott indica que há duas vertentes principais sobre a tendência antissocial, sendo o roubo e a destrutividade. O roubo está localizado no centro da tendência antissocial, ligado também à mentira. Contudo, o autor evidencia que o roubo neste caso não está associado à busca pelo objeto roubado, mas sim pela pessoa que a criança considera ter direito (WINNICOTT, 2021 [1958]).

Esta primeira vertente envolve a interação da criança ainda pequena com a mãe, onde, durante a descoberta do mundo a mãe capacita a criança a agir de modo criativo, porém, quando isso falha, há a perda do contato com o objeto, como também da capacidade de ir ao encontro das coisas de forma criativa. Dessa forma, resulta que, em momentos de esperança a criança ao conseguir um objeto, o furta. Neste sentido, há uma compulsão, não pelo objeto, mas sim, pela capacidade do encontro criativo (WINNICOTT, 2021 [1986]).

Conforme Winnicott:

O ladrão não está procurando usar o objeto que se apodera. Está procurando uma pessoa. Está procurando sua própria mãe, e ignora-o. [...] Uma criança doente dessa maneira é incapaz de desfrutar a posse das coisas roubadas. Está unicamente agindo segundo uma fantasia que pertence aos seus primitivos impulsos de amor, e o máximo que poderá desfrutar é o desempenho da ação e a habilidade exercida. O fato é que perdeu contato com a mãe, em um sentido ou outro. A mãe pode ou não ainda estar presente. Pode ser que ainda esteja, que seja uma mãe perfeitamente boa e capaz

de dar ao filho qualquer soma de amor. Do ponto de vista da criança, porém, algo está faltando (2022 [1964], p. 150).

Sobre isso, Winnicott (2021 [1958]) ressalta que não necessariamente será a mãe, aquela que a criança reivindica, mas sim, qualquer pessoa.

Como segunda vertente, a destrutividade, Winnicott mostra que se trata de uma característica pertencente à natureza humana e se manifesta mediante a ações como comer, brincar e competir. Conforme o autor, para que este comportamento se manifeste é necessário que a criança confie e sinta segurança no ambiente, só assim ela poderá explorar suas atividades destrutivas. Dessa forma, a criança é capaz de integrar o sentimento destrutivo e reconhecer que faz parte de sua realidade, possibilitando que ela saiba lidar com esses momentos da melhor forma (WINNICOTT, 2021 [1986]).

No entanto, há uma dificuldade em relação a destrutividade, a qual se dá pela necessidade da criança, em momentos de dúvida, em testar e verificar se o amor que recebe, o cuidado, o manuseio, aguenta a destrutividade associada ao amor primitivo, ou ao ⁴“amor pré-verbal”. Porém, quando não há o suporte necessário, a manifestação da destrutividade se dará de outras formas, como por meio de roubo e da agressividade (WINNICOTT, 2021 [1986]).

Portanto, entende-se que tanto o comportamento de roubar como de destruir, trata-se de uma reação a algum tipo de privação, em que o sujeito busca por uma provisão ambiental que foi perdida, podendo acontecer em situações simples, como em contextos mais complexos. Por isso, é imprescindível a existência de um ambiente que possibilite essas experiências, sem que seja abalado pelo comportamento da criança, pois é por meio da tolerância e compreensão que a criança ou o adolescente se recuperará (WINNICOTT, 2021 [1986]).

Desse modo, a tendência antissocial surge para possibilitar que o indivíduo “redescubra a si mesmo sempre que despontar alguma esperança de reaver a segurança perdida, o que significa uma redescoberta da própria agressividade”. (WINNICOTT, 2021 [1986], p. 111).

Nesse ponto de vista, o que se observa é que aquele que pratica um comportamento antissocial, procura através dos seus atos a cura pela provisão do ambiente. E, ao encontrar condições favoráveis no meio o indivíduo ao invés de

⁴ O amor pré-verbal refere-se ao manuseio que o bebê recebe e o segurar no colo (WINNICOTT, 2021 [1958]).

direcionar sua busca em objetos substitutos, pode encontrar uma pessoa e direcionar seus sentimentos a ela (WINNICOTT, 2021 [1958]). Assim como escreve Winnicott:

A delinquência indica que alguma esperança subsiste. Vocês verão que, quando a criança se comporta de modo anti-social, não se trata necessariamente de uma doença, e o comportamento anti-social nada mais é, por vezes, do que um S.O.S., pedindo o controle de pessoas fortes, amorosas e confiantes (2015 [1984], p. 61).

Com isso, fica evidente a etiologia por trás da tendência antissocial, o que se faz necessário pensar em possibilidades de intervenção.

5 O ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL E A ANÁLISE DA HISTÓRIA DE VIDA DOS ADOLESCENTES

5.1 APRESENTAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO E RECORTE PARA A PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma instituição de Assistência Social localizada em um distrito do Município de Guarapuava/PR, denominada Associação Canaã de Proteção à Criança e ao Adolescente, a qual é uma entidade sem fins lucrativos, que existe desde dezembro de 1973. A associação realiza acolhimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e violência.

Os atendimentos às crianças e adolescentes ocorrem em um sistema de casa lar, com capacidade para 20 indivíduos, de ambos os sexos. A instituição de acolhimento promove cuidado integral aos acolhidos, incluindo alimentação, apoio educacional e atendimentos na área da saúde, tanto física como mental. Além disso, é promovido a reconstrução de vínculos familiares e a reintegração das crianças e adolescentes à comunidade.

A equipe da instituição é composta por um coordenador, um administrador, um assistente social e um psicólogo. Além de quatro casais de pais e mães sociais, os quais ficam nas casas com as crianças e adolescentes.

Para a realização desta pesquisa foi realizado um recorte dos adolescentes do acolhimento, em que foram entrevistados apenas 4 (quatro) deles, além do psicólogo da instituição. Para isso, obteve-se a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

5.2 CARACTERIZAÇÃO DOS ADOLESCENTES E SUAS HISTÓRIAS DE VIDA

Adolescente 1

História de vida

Durante a entrevista, o adolescente Y, de 17 anos relatou que sua infância foi bem diferente do normal, informou que morava com a mãe até aproximadamente dez anos, em que ela veio a falecer devido a uma bronquite asmática. Relatou que posteriormente a morte da mãe, passou a morar com o pai, onde ele veio a se casar com outra mulher, porém, não puderam ficar juntos e passou a morar sozinho, com doze anos. Y relatou que tinha um bom relacionamento com a mãe, mas o pai não parava em casa. Quando questionado sobre a morte da mãe, afirmou “*hum, até foi meio difícil, mas daí me costumei*”.

Relato da equipe

Durante a entrevista com o psicólogo da equipe, ele relatou que o adolescente em questão foi acolhido devido ao envolvimento com tráfico e uso de drogas, em que residia com um traficante. Relatou que o adolescente teve uma overdose por conta do uso e entrou em coma, em que foi atendido pelo CAPS do município, o qual gerou o acolhimento.

Sobre o comportamento de Y, o psicólogo relatou que o adolescente tem histórico de mentiras, furtos e automutilação. “*Já teve situações na escola, dele chegar com objetos aqui, e a gente questionar sobre isso, então ele tem isso dentro dele, sempre tá de alguma forma mentindo*”.

Adolescente 2

História de vida

Durante a entrevista, o adolescente S, de 12 anos, relatou sobre sua infância que inicialmente morava com o pai, com a mãe e duas irmãs, mas devido a brigas entre os pais eles vieram a separar-se, onde ele ficou com a mãe. Contudo, neste

período ele foi acolhido institucionalmente e após o desacolhimento passou a residir com o pai, onde foi acolhido novamente. Relatou que tinha um bom relacionamento tanto com a mãe, como com o pai.

Ao ser questionado sobre as brigas entre os pais, relatou: *“O pai já chegou a bater na mãe daí a mãe já chegou a tentar arranhar a cara do pai, mas daí foi nisso que a mãe se separou dele... nós não ficava aguentando”*.

Relato da equipe

Durante a entrevista com o psicólogo, ele relatou que o adolescente em questão foi acolhido na instituição devido à ausência do genitor por longos dias, bem como pelo envolvimento da família com tráfico de drogas.

Sobre o comportamento de S, o psicólogo relatou que o adolescente tem bastante problemas com mentira, que causa intrigas e brigas na escola, em que sempre busca chamar a atenção do outro.

Adolescente 3

História de vida

Durante a entrevista, o adolescente G, de 14 anos, relatou que antes do acolhimento residia somente com o pai e com o irmão, pois perdeu a mãe com um ano e oito meses. Relatou que foi acolhido pelo fato da ausência do pai, em que disse: *“Acho que é porque... um pouco porque eu não estudava e porque o pai não ficava muito na casa”*. Informou que o pai bebia e que não tem lembranças da genitora.

Relato da equipe

Na entrevista com o psicólogo da equipe, foi relatado que o adolescente foi acolhido por abandono paterno, em que o genitor passava longos dias fora e deixava ele e o irmão sozinhos, desprovidos de alimentação e de cuidados. Mencionou que o pai tinha bastante problemas com uso de álcool.

Sobre o comportamento de G, o psicólogo informou que ele mente bastante, é muito piadista e faz ameaças.

Adolescente 4

História de vida

Durante a entrevista, a adolescente T, de 16 anos, relatou que inicialmente morava com os pais e os irmãos, mas que teve um período em que o pai trabalhava muito fora e por isso ficava só com a mãe e os irmãos. Neste período, informou que foi acolhida institucionalmente pois com quatorze anos namorava com um homem de maior e a mãe “*não ligava*”. Relatou que nesta época os pais estavam separados pois o genitor tinha outra família, mas que posteriormente a mãe foi embora, levou os irmãos e ela não quis ir.

Relatou que antigamente não se dava bem com o pai pois ele era bravo, e a mãe era mais solta e deixava os filhos fazer o que queriam. Em que expôs, “*ela sempre foi assim, ah, to nem aí*”. Apontou que com os irmãos foi a mesma coisa, até que eles também foram acolhidos. Disse que a mãe teve outros dois filhos em que um foi para adoção.

Relatou que quando a mãe foi embora e não a levou junto ficou com muita raiva da mãe, declarou que foi um momento difícil, “*porque eu precisava dela, eu era uma criança*”. Além disso, apontou que nos últimos anos, mantinha pouca comunicação com a mãe.

Relato da equipe

Durante a entrevista com o psicólogo, ele relatou que a adolescente foi acolhida supostamente por uma denúncia envolvendo tráfico de drogas e prostituição. Sobre o comportamento da adolescente, relatou que ela tem melhorado bastante, mas que observam boa capacidade de articulação, liderança e manipulação.

5.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A análise das entrevistas teve como foco o discurso dos adolescentes sobre as características em relação às suas histórias de vida, a fim de identificar a ocorrência de possíveis deprivações no contexto familiar. Além disso, objetivou-se verificar a

manifestação de tendências antissociais dos entrevistados, com base no relato da equipe, os quais foram analisados conforme a teoria de Winnicott.

Ressalta-se que as entrevistas foram realizadas abertamente, com um roteiro de perguntas. No entanto, houve pouca comunicação por parte dos adolescentes, o que é compreensível considerando a complexidade do contexto em que vivem. Nesse sentido, foi relatado por eles apenas os acontecimentos mais marcantes da história de vida, sem detalhamentos.

A partir dos dados obtidos com a equipe, foi possível identificar que os quatro adolescentes já manifestaram comportamentos antissociais, os quais envolvem principalmente pela manipulação, mentira e furto. Constatou-se também que todos os adolescentes tiveram alguma falha no ambiente e todas elas estão relacionadas ao cuidado materno, sobretudo, no início de suas vidas.

Na primeira entrevista, realizada com Y de 17 anos, foi identificado que ele perdeu a mãe quando tinha aproximadamente 10 anos, a qual aparentemente era o seu suporte, considerando que após a morte dela o adolescente não conseguiu continuar morando com o pai, e nisso não encontrou um ambiente de cuidado, devido a conflitos na relação e por isso passou a morar sozinho, onde foi acolhido alguns anos depois pelo envolvimento de uso e tráfico de drogas. A perda da mãe, neste caso, é a privação principal que Y. vivenciou, porém, não foi a única, tendo em vista que houve também a perda do relacionamento paterno e a não existência dos cuidados por outras figuras parentais.

A partir disso, considerando que o adolescente já apresentou envolvimento com furtos, pode-se dizer, com base na teoria de Winnicott, que ao roubar o adolescente não procurava pelo objeto roubado, mas sim por uma pessoa de referência, neste caso, estava firmado na figura da mãe. “Fundamentalmente, ao averiguarmos o fenômeno de roubar até as próprias raízes, podemos concluir sempre que o ladrão tinha a necessidade de restabelecer suas relações com o mundo na base de reencontrar a pessoa” (WINNICOTT, 2022 [1964], p. 150).

Apesar de não ter sido investigado com mais profundidade a relação de Y com a mãe, ele relatou que tinham um bom relacionamento. Nesse sentido, a perda materna não necessariamente foi a responsável pelo acarretamento da tendência antissocial no adolescente, mas sim, a perda da mãe acompanhada da falta de reparação do ambiente, em que Y após a morte da genitora não teve apoio, nem o

cuidado necessário de outras figuras parentais para que pudesse suprir as suas necessidades.

Na segunda entrevista, realizada com S, de 12 anos, foi possível identificar certa instabilidade em sua dinâmica familiar, com situações de separações e a existência de negligência, tanto pela mãe, quanto pelo pai, considerando que o adolescente foi acolhido estando primeiramente com a mãe e na segunda vez com o genitor.

Sabe-se que conforme o artigo 19 do ECA, é direito da criança e do adolescente viver num ambiente familiar e que o acolhimento institucional só pode ocorrer em situações excepcionais, que envolva risco e violação dos direitos (BRASIL, 1990). Sendo assim, devido o relato do adolescente de brigas entre os pais, separação, violência e ausência deles verificada pela equipe, as falhas neste caso são visíveis. Nesse sentido, conforme Winnicott, “quando ocorre deprivação, em termos de um rompimento do lar, especialmente se isso incorrer na separação dos pais, uma coisa muito séria afeta a organização mental da criança” (2021 [1986], p. 111).

S, não apresentou histórico de furto, mas conforme o psicólogo da equipe, ele apresenta problemas com mentira, causa intrigas e busca chamar a atenção. Contudo, Winnicott afirma que:

O sofrimento essencial é deveras suficiente. Não é apenas a respeito do roubo. De todas as maneiras possíveis, as crianças que sofreram algum acesso demasiado grande ou súbito de desilusionamento encontram-se sob uma compulsão para fazer coisas sem saber por que, criar confusões, recusar a defecação no momento correto, cortar as corolas das flores no jardim etc. (2022 [1964], p. 152).

Apesar do roubo e da mentira serem conhecidos como os principais comportamentos antissociais, Winnicott afirma que há outros, os quais são tão comuns que podem passar despercebidos, ou tidos como normal. Alguns exemplos são o comportamento tirânico, e outros sintomas como a sofreguidão (aquele que come demasiadamente), como também a inibição do apetite, sendo a sofreguidão considerada a precursora da compulsão a roubar (WINNICOTT, 2022 [1964]).

Para o autor, quando há a manifestação desses sintomas, “haverá algum grau de deprivação e certa compulsão para buscar uma terapia para essa deprivação através do ambiente” (WINNICOTT, 2021 [1958], p. 510-511). Nesse sentido, o que se observa é que a manifestação da tendência antissocial se apresenta de diversas formas. Na terceira entrevista, realizada com G de 14 anos, identificou-se como

primeira privação a perda que ele teve da genitora, com um ano e oito meses de idade. Sabe-se da importância do cuidado materno para o desenvolvimento inicial do bebê, no sentido de que é a mãe que possibilita a existência do filho, tanto em questão de sobrevivência, como de tornar a ser uma unidade própria, ou seja, o amparo que o bebê precisa para a constituição do próprio eu (WINNICOTT, 2021 [1986]).

Quando não há a presença materna, outra pessoa se torna responsável pelos cuidados e provisões necessárias ao bebê. No entanto, no caso de G, o que se constatou foi que ele ficou sob os cuidados do pai, o qual era negligente com ele, considerando que conforme a equipe de acolhimento, o adolescente e o irmão eram desprovidos de alimentação e de cuidados, em que o pai passava longos dias fora, o que gerou o acolhimento institucional, sendo, portanto, a segunda privação que G vivenciou.

Nesse sentido, os comportamentos de mentir, fazer piadas e ameaças são totalmente esperados no caso em questão. Houve em seu contexto familiar perdas significativas, as quais sem dúvida geram angústia e frustração a qualquer criança ou adolescente.

Por fim, na quarta e última entrevista, realizada com T. de 16 anos, também foi possível perceber a existência de privações em seu ambiente familiar, devido a ocorrência de instabilidade e separações. Contudo, o que mais ficou evidente por meio do discurso da adolescente foi como ela se referiu à mãe, afirmando que “não ligava para ela e os irmãos” (sic), que os deixavam soltos, para fazer o que queriam.

Com isso, notou-se a existência de conflitos entre mãe e filha, quando a adolescente relatou que mantinha pouca comunicação com a mãe e, principalmente, a raiva que carrega dela por ter ido embora um dia e a deixado com o pai. Apesar de inicialmente a adolescente dizer que preferiu não ir embora com a mãe, depois ela afirma que carregou este sentimento de raiva, ao afirmar que foi um momento difícil pois precisa da mãe, por ser apenas uma criança. Nesse sentido, também é visível a presença da privação, o que pode estar relacionado aos comportamentos da adolescente, de mentiras, substituição, e capacidade manipulativa.

6 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO

Conforme Winnicott, para que seja possível dedicar-se no tratamento com indivíduos antissociais é fundamental a compreensão de que este comportamento

está relacionado a uma expressão de esperança. Nesse sentido, o objetivo do terapeuta é se envolver com o impulso inconsciente do paciente que diz respeito ao comportamento antissocial, através de um trabalho composto por manejo, tolerância e compreensão, sendo necessário “ir ao encontro do momento de esperança e corresponder-lhe” (WINNICOTT, 2021 [1958], p. 507).

A partir do entendimento de que quando há uma tendência antissocial no indivíduo, é porque houve uma privação, a terapêutica nesses casos deve ser pautada pelo fornecimento de cuidado. Haja vista que o comportamento antissocial se refere a uma forma de conquistar novamente àquilo que foi perdido pelo adolescente, o qual necessita de estabilidade e provisão ambiental (WINNICOTT, 2021 [1958]).

Dessa forma, de acordo com a teoria de Winnicott a responsabilidade no tratamento da tendência antissocial recai no ambiente, pois é nele que a criança ou o adolescente vê esperança, considerando que o indivíduo privado percebe a existência da falha ambiental (2021 [1958]).

Em um capítulo em que Winnicott aborda sobre os tipos de psicoterapia para distintas categorias, ele afirma:

Quando os pacientes são dominados por uma área de privação em seu histórico anterior, deve-se adaptar o tratamento a esse fato. Como pessoas, eles podem ser normais, neuróticos ou psicóticos. É difícil determinar o padrão pessoal, pois, sempre que a esperança se aviva, o menino ou a menina produz um sintoma (roubando ou sendo roubado; destruindo ou sendo destruído) que força o ambiente a perceber e a agir. Geralmente a ação é punitiva, mas é claro que o paciente precisa mesmo é de plena aceitação e recompensa (2021 [1986], p. 126-127).

Nessa perspectiva, Winnicott ressalta a importância da investigação sobre o comportamento antissocial nos seus estágios iniciais, considerando que são eles que provocam o sofrimento inicial e que promove a alteração do percurso do desenvolvimento (2021 [1986]). Sendo assim, ao descrever sobre o tipo de psicoterapia neste caso, Winnicott evidencia algo muito importante. A necessidade de iniciar o tratamento no começo da trajetória antissocial, antes que surjam os ganhos secundários e que as habilidades delinquentes se desenvolvam. Para ele, quando é possível trabalhar com isso, é necessário realizar uma investigação sobre a história do indivíduo, através dos conteúdos conscientes e inconscientes (WINNICOTT, 2021 [1986]).

As indicações que o autor deixa para o tratamento são: a provisão de cuidado por meio de um ambiente forte e estável e a submissão à psicoterapia individual, como

já mencionado. Porém, sem o primeiro, o segundo não teria êxito, ou seja, evidencia-se quão fundamental é a provisão ambiental (WINNICOTT, 2022 [1964]). Na psicoterapia individual, destaca-se que o objetivo é possibilitar que a criança ou o adolescente complete o seu desenvolvimento emocional, o que inclui a capacidade de sentir a realidade, tanto interna como externa de forma concreta, bem como permitir ao indivíduo a integração de sua personalidade. (WINNICOTT, 2022 [1964]).

Na sessão de psicoterapia, o intuito é também que a questão moral do comportamento antissocial não seja abordada pelo terapeuta, a menos que surja do próprio paciente. Isso ocorre pelo fato de que a preocupação terapêutica deve estar pautada não nas verdades objetivas, mas, naquilo “que o paciente percebe como real” (WINNICOTT, 2021 [1986], p.113). Assim, o autor chama a atenção para o fato de que quanto antes isso seja trabalhado no indivíduo, mais chances ele terá de conquistar aquilo que lhe falta, para que não evolua para comportamentos mais graves.

Diferente de uma criança ou adolescente que possui um ambiente suficientemente bom, que recebe ajuda e desenvolve com isso a capacidade de se recuperar das falhas do próprio ambiente, o indivíduo antissocial que não tem a oportunidade de criar um ambiente interno bom, “necessita absolutamente de um controle externo [...]. Uma criança de 6 ou 7 anos tem muito mais possibilidade de receber ajuda desse modo do que uma criança de 10 ou 11 anos” (WINNICOTT, 2015 [1984], p. 61).

Nesse sentido, o que se torna evidente é a necessidade de que profissionais e pessoas que atuam ou convivem com crianças antissociais obtenham a compreensão desta etiologia, para que sejam capazes de possibilitar a esses indivíduos as condições necessárias para enfrentar as deprivações da melhor forma possível. Considerando que a tendência antissocial, a qual é comum, pode tornar-se uma delinquência e “na falha de todas essas medidas, o jovem adulto será considerado um psicopata e pode ser enviado pelos tribunais para um reformatório ou para a prisão” (WINNICOTT, 2021 [1958] p. 506).

Desse modo, Winnicott reconhece que em ambientes como os acolhimentos institucionais, chamados por ele de alojamentos ou internatos, há uma oportunidade, para àqueles que olham o comportamento antissocial como um pedido de socorro, para que possam desempenhar o seu papel, assumindo uma responsabilidade diante deste contexto (2015 [1984]).

Por fim, ao referir-se sobre os julgamentos e as punições sociais diante desses comportamentos, Winnicott deixa claro que exigir de um jovem criminoso explicações sobre os fatos, não apresentam resultados, mesmo que aquilo que seja dito pelo adolescente seja a verdade, isso não alcança as causas do comportamento. Por este motivo, o autor faz uma crítica a tais métodos que visam somente a punição. Para ele, é necessário avaliar a situação e proporcionar uma comunicação com o indivíduo em nível mais profundo (WINNICOTT, 2021 [1986]).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, tanto a psicologia como a psicanálise estudam fenômenos que envolvem conflitos familiares, perdas, separações, situações de violação de direitos e comportamentos difíceis de lidar. Desse modo, para aqueles que tem uma mínima compreensão teórica dessas áreas, sabe, que crianças e adolescentes sofrem as consequências das vivências experienciadas no ambiente em que vive. No entanto, o que diferencia a teoria de Winnicott, é o dado específico de que a tendência antissocial é um movimento inconsciente de esperança, que requer do ambiente um tratamento e que exige, a partir disso, uma compreensão que envolva tolerância e a minimização de julgamentos e punições.

De certo modo, o que se observa com esta teoria, é um direcionamento que Winnicott busca fazer aqueles que trabalham com crianças e adolescentes antissociais e, mais que isso, ele busca salientar a ideia de que a etiologia do comportamento precisa ser verificada antes que seja tarde, para que seja possível com isso a eficácia de um tratamento e a evitação de futuras consequências.

Portanto, a partir da realização desta pesquisa, foi possível identificar por meio das entrevistas, a relação direta que Winnicott escreve entre as falhas ou deprivações ambientais e o comportamento antissocial na adolescência. Apesar de não ter sido possível uma análise mais completa das entrevistas, ficou notória essa relação. Contudo, entende-se a complexidade do contexto social de crianças e adolescentes que vivem em um acolhimento institucional, considerando que para chegar a este ponto vivenciaram falhas e violações graves do ambiente.

Nesse sentido, assim como o autor afirma, torna-se necessário nos casos de comportamentos antissociais e delinquentes, a investigação das raízes da tendência, para que seja possível identificar as deprivações e com isso buscar possibilitar o

melhor tratamento, considerando que o modo como um adolescente lidará com seus problemas dependerá dos padrões que foram estabelecidos em sua infância.

Por fim, ressalta-se que esta pesquisa não esgota o tema, mas sim, evidencia sua complexidade e possibilidades de estudos mais aprofundados, considerando a amplitude sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 08, nov, 2022.

DIAS, E. **A teoria do amadurecimento**. 4. ed. São Paulo: DWWeditorial, 2017.

FULGENCIO, L. **Por que Winnicott?**. São Paulo: Editora Zagodoni, 2016.

SANTOS, A. C. R. **O acolhimento institucional de crianças e adolescentes: protege ou viola?**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5144/1/000436231-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 08, nov, 2022.

WINNICOTT, D. W. **A criança e seu mundo**. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2022 [1964].

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4. ed. Martins fontes, 2011 [1958].

WINNICOTT, D. W. **Bebês e suas mães**. São Paulo: Ubu Editora, 2020 [1987].

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Ubu Editora, 2021 [1986].

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria a psicanálise**. São Paulo: Ubu Editora, 2021 [1958].

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015 [1984].